

# SOB O SIGNO DE BEETHOVEN: ANÁLISE DO FILME-TRIBUTO A MAURICE SCHÉRER DE JEAN-LUC GODARD

Marina Takami<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 2010, Jean-Luc Godard apresenta um breve filme na noite de homenagens ao cineasta Éric Rohmer organizada na Cinemateca Francesa. Trata-se de um tributo ao companheiro e amigo, falecido na ocasião, referido exclusivamente pelo seu verdadeiro nome Maurice Schérer. Realizado a pedido da produtora *Les films du losange*, da qual Rohmer foi sócio fundador, o filme apresenta um conteúdo denso de citações seguindo assim a linha de *Histoire(s) du cinéma* de seu realizador. Esta apresentação propõe analisar o filme-tributo de Godard a Schérer no qual identifica-se elementos do companheirismo dos dois aprendizes de cineasta nos anos 1950, época da descoberta conjunta da música de Beethoven, que foi fundamental para o desenvolvimento da obra cinematográfica de ambos. A trilha sonora do filme-tributo, a *Sonata a Kreutzer* de Beethoven, nos permite examiná-lo associado ao curta-metragem *Sonate à Kreutzer*, realizado por Rohmer em 1956 e inspirado no romance homônimo de Leon Tolstoi. Esta sonata do compositor alemão é tema do curta de Rohmer, que revela o trabalho colaborativo entre os críticos da redação dos *Cahiers du cinéma* na época: Jacques Rivette assina a fotografia e a montagem; Claude Chabrol, François Truffaut e André Bazin aparecem nas imagens; Godard é creditado como produtor e é também ator. Por meio deste pequeno filme propomos revisitar aspectos da história do cinema francês, do cinema de autor e dos cinemas de Rohmer e de Godard.

**Palavras-chave:** *Sonate à Kreutzer*; Godard; Rohmer; Beethoven; *Histoire(s) du cinéma*.

**Contato:** marinatakami@yahoo.com.br

Une marche fait marcher, une danse fait danser, la musique sacrée nous conduit à l'autel, tout cela a un résultat... Ici, l'excitation, excitation pure, sans but. C'est de là que viennent les dangers de la musique et ses conséquences parfois épouvantables.

Leon Tolstoi, *Sonate à Kreutzer*.

C'est une chose terrible que la musique. On dit qu'elle apaise, qu'elle ennoblit. Ce n'est pas vrai. Elle se borne à vous communiquer une certaine excitation, une excitation pure, une excitation sans issue. Elle multiplie votre tourment intérieur, sans vous apporter l'aliment propre à vous satisfaire.

Éric Rohmer, *Sonate à Kreutzer*.

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes com especialidade em História e Estética do cinema pela *Université Paris VIII*, participa do Grupo de Pesquisa CNPq “História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação” da Universidade de São Paulo. Acesso ao CV lattes no link <http://lattes.cnpq.br/2602929039797346>.

Parte da pesquisa de doutoramento sobre a música como modelo ideal na obra de Éric Rohmer (1920-2010), a análise deste pequeno filme-tributo de Jean-Luc Godard dedicado a Maurice Schérer (o verdadeiro nome de Rohmer) está diretamente associada à produção do curta-metragem *Sonate à Kreutzer* realizado em 1956 a partir da adaptação livre da novela homônima do escritor Leon Tolstoi (1828-1910). O título por sua vez foi tirado da *Sonata n.9* para piano e violino do compositor Ludwig van Beethoven (1770-1827), que é tema da obra. Neste pequeno filme de 3 minutos e 25 segundos a *Sonata a Kreutzer* foi utilizada como banda sonora, o que nos remete ao curta dos anos 1950 e nos permite abordar como a música do compositor alemão se inscreve na trajetória tanto de Rohmer como de Godard enquanto cineastas.

No dia 8 de fevereiro de 2010, na ocasião de uma noite de homenagens a Rohmer em razão de seu falecimento no dia 11 de janeiro do mesmo ano, organizada na Cinemateca Francesa, Godard apresenta este filme-tributo realizado a pedido da produtora *Les films du losange*. Trata-se de uma homenagem de Godard a seu companheiro dos tempos em que ambos compunham a equipe de críticos da redação da revista *Cahiers du cinéma*, tal como vemos imortalizado nas imagens do curta de 1956 (Imagem 1). O filme-tributo é composto de lembranças pessoais de seu realizador e citações diversas relacionadas às experiências vividas em conjunto nos anos 1950 e começo dos anos 1960.



Imagem 1 – sequência filmada na redação da revista *Cahiers du cinéma*. Na imagem: Godard, Rohmer, Jean-Claude Brialy, Claude Chabrol, Lydie Mahias, Charles Bitsch, François Truffaut e André Bazin. (*Sonate à Kreutzer*, Éric Rohmer, 1956)

Na forma, o filme se inscreve na linha de *Histoire(s) du cinéma* de Godard (1988-1998), ainda que tenha objetivos e funções diversas. Este híbrido entre filme de autor e filme doméstico, apresenta narração em voz *off* e música sobrepostas sob as quais vemos aparecer inscrições na tela referentes a título de artigos, uma imagem fixa que corresponde a um retrato de Rohmer e uma imagem em movimento que enquadra o rosto de Godard como narrador. Esta última é a única sequência filmada que compõe o filme na qual vemos na tela a imagem de Godard enquanto lê o seu texto nos segundos finais; ele é o narrador e o autor do filme (Imagem 2). Assim, o realizador de *O Acochado* se faz presente pelo estilo, pela voz e pela autoimagem. Ele se apresenta com o rosto alongado numa imagem condensada à esquerda devido à deformação provocada pela captação em formato 16/9 e a utilização da imagem final em 4/3. Esta simples intervenção faz referência à anamorfose do cinemascópio que Schrérer-Rohmer abordou no texto de 1954 “Vertus cardinales du cinemascope” que aparece entre os letreiros do filme. Esta deformação evidência ao mesmo tempo a proporção de predileção de Rohmer na organização do espaço do filme; ele utilizava frequentemente o formato quase quadrado do 4/3.



Imagem 2 – Imagem propositalmente deformada de Godard enquanto narra o filme (*Film-hommage à Maurice Schérer*, Jean-Luc Godard, 2010)

Esta imagem de Godard aparece logo antes dele enunciar a citação literária de Gustave Flaubert (1821-1880) com a qual ele conclui o filme e que explicita o caráter memorial e intimista do conjunto. As duas últimas frases do filme são tiradas do final do romance *A Educação sentimental* do escritor francês no qual dois amigos rememoram momentos passados juntos: voz *off* (Godard) - “‘Ah, c’est ce qu’on a eu de meilleur !’, dit Frédéric. ‘Oui c’est ce qu’on a eu de meilleur !’, dit Deslauriers”. O realizador cita esta passagem provavelmente de memória, ou mesmo com modificações propositais a fim de mudar a linguagem<sup>2</sup>. Esta recitação é a homenagem final de Godard a este tempo passado compartilhado com Rohmer. A esta citação de Flaubert sobrepõe-se uma citação do texto *O Narrador* de Walter Benjamin (1892-1940), que cita por sua vez esta mesma passagem do romance. O filósofo alemão utiliza o exemplo dos dois amigos a fim de demarcar uma oposição entre narrativa e romance. Frédéric e Deslauriers rememoravam um episódio vivido no passado, “um completando as lembranças do outro”. A partir da frase citada, Benjamin sintetiza assim a sua ideia: “o romance chega talvez a seu fim, um fim que lhe pertence, para ser franco, mais que a qualquer narrativa. Com efeito, não existe narrativa em que a pergunta - e o que aconteceu depois? - não seja rigorosamente justificada<sup>3</sup>” (2014, 27-28). Com a mesma frase tirada da obra de Flaubert, Godard encerra o filme (tal qual o romance), porém deixa aberta a sua narrativa construída com Rohmer e convida assim o espectador “a refletir sobre o sentido de uma vida” (Benjamin 2014, 28).

Godard refere-se ao companheiro exclusivamente pelo seu verdadeiro nome Maurice Schérer, o que circunscreve o filme no período específico onde ambos iniciavam-se na carreira de crítico de cinema e em seguida cineasta. O retrato de Rohmer sob a inscrição de seu verdadeiro nome aparece algumas vezes no minuto final do filme e reforça a sua inscrição nesse tempo passado que é rememorado nesta produção audiovisual (Imagem 3).

Começamos a ouvir a *Sonata a Kreutzer* e a narração de Godard após a aparição da inscrição de apresentação do filme que figura na tela nos 5 segundos iniciais (Imagem 4): “Foi quando. / Não. / Tinha o que. / Sim.” Mostrado em silêncio como num filme dos tempos do cinema mudo, o conteúdo do letreiro enfatiza a importância dispensada mais aos acontecimentos - o “o que” seguido do “sim” - que a datação dos

<sup>2</sup> A frase exata de Flaubert é: “‘C’est là ce que nous avons eu de meilleur!’ dit Frédéric. / ‘Oui, peut-être bien ? C’est là ce que nous avons eu de meilleur !’, dit Deslauriers” (Flaubert 1965, 427).

<sup>3</sup> Tradução livre da autora a partir da edição francesa.

fatos - o “quando” ao qual acompanha uma negativa. Após esta inscrição, e sob o som da voz *off* de Godard e da música de Beethoven continuamente sobrepostas, começam a aparecer sucessivamente na tela letreiros contendo títulos de escritos de Rohmer. Na ordem de aparição, seguido da data de publicação, vemos:

- “La semaine du cinéma soviétique [‘La fille du capitaine de Vladimir Kaplounovski’ (ER<sup>4</sup>, *Cahiers du cinéma*, N° 96 - 1959)]”
- “L’hélice et l’idée [‘Sueurs froides d’Alfred Hitchcock’ (ER, *Cahiers du cinéma*, N° 93 - 1959)]”
- “La terre du miracle [‘Voyage en Italie de Roberto Rossellini’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 47 - 1955)]”
- “Redécouvrir l’Amérique [(ER, *Cahiers du cinéma*, N° 54 - 1955)]”
- “Naissance de la musique [‘Hallelujah ! de King Vidor’ (ER, *Cahiers du cinéma*, N° 53 - 1955)]”
- “Le meilleur des mondes [‘Les Hommes préfèrent les blondes de Howard Hawks’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 38 - 1954)]”
- “Le celluloïd et le marbre V : architecture d’apocalypse [(ER, *Cahiers du cinéma*, N° 53 - 1955)]”
- “Le celluloïd et le marbre III : de la métaphore [(ER, *Cahiers du cinéma*, N° 51 - 1955)]”
- “Vertus cardinales du CinémaScop [Godard escreve no singular (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 31 - 1954)]”
- “Le celluloïd et le marbre I : le bandit philosophe [(ER, *Cahiers du cinéma*, N° 44 - 1955)]”
- “À qui la faute ? [‘Alfred Hitchcock’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 39 - 1954)]”
- “Isou ou les choses telles qu’elles sont [(MS, *Cahiers du cinéma*, N° 10 - 1952)]”
- “La robe bleue d’Harriet [‘Le Fleuve de Jean Renoir’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 8 - 1952)]”
- “Vanité que la peinture [‘Robert Flaherty et F. W. Murnau’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 3 - 1951)]”
- “Génie du christianisme [‘Europe 51 de Roberto Rossellini’ (MS, *Cahiers du cinéma*, N° 25 - 1953)]”
- “Le cinéma, art de l’espace [(MS, *La Revue du cinéma*, n. 14 - 1948)]”
- “La Roseraie [sinopse de roteiro, em colaboração com Paul Gégauff (ER, *Cahiers du cinéma*, N° 5 - 1951)]”

Estes textos evocados por Godard foram publicados na revista *Cahiers du cinéma*, sendo a única exceção o artigo “*Le cinéma, art de l’espace*” (1948) publicado na *Revue*

---

<sup>4</sup> “ER” indica que o texto foi publicado sob o pseudônimo Éric Rohmer e “MS” indica que o texto foi publicado com o verdadeiro nome Maurice Schérer.

*du cinéma* n.14, penúltimo título citado. São artigos de crítica de filme ou de reflexão teórica sobre o cinema, exceto o último “*La Roseaie*”, publicado em 1951, que é uma sinopse de um roteiro escrito em colaboração com o romancista Paul Gégauff (1922-1983). Nota-se ainda que este texto já é assinado com o pseudônimo Éric Rohmer que aparecerá como autor de textos teórico-críticos somente a partir de 1955 com a série de artigos *Le Celluloïd et le marbre*.

A ordem de aparição dos títulos segue uma cronologia decrescente e não muito rigorosa que vai de 1959 a 1948; estas inversões na cronologia dos textos confirmam o interesse de Godard em apresentar o homem Maurice Schérer que o seu pseudônimo famoso. Os títulos centralizados, em letras brancas sobre fundo preto, aparecem um a um sob a voz de Godard que evoca ao mesmo tempo uma série de lembranças pessoais compartilhadas com Rohmer nos anos de juventude. Estas memórias, que podem ser verdadeiras ou mais ou menos inventadas, estão ligadas à época de formação dos cineastas, época esta em que eles se frequentavam sistematicamente.

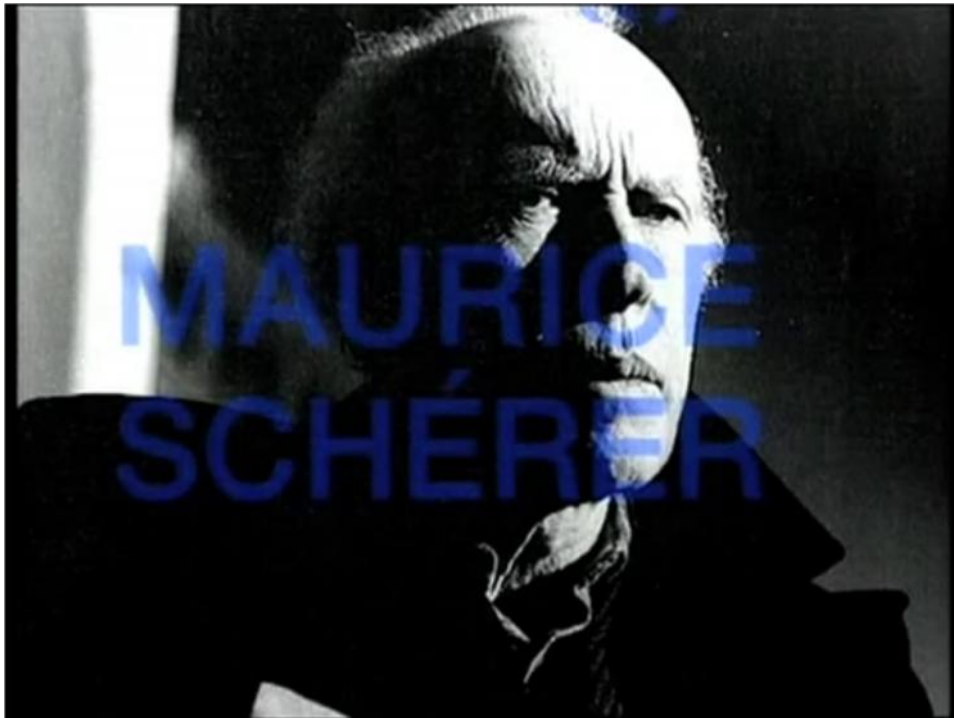


Imagem 3 – retrato de Éric Rohmer (*Film-hommage à Maurice Schérer*, Jean-Luc Godard, 2010)

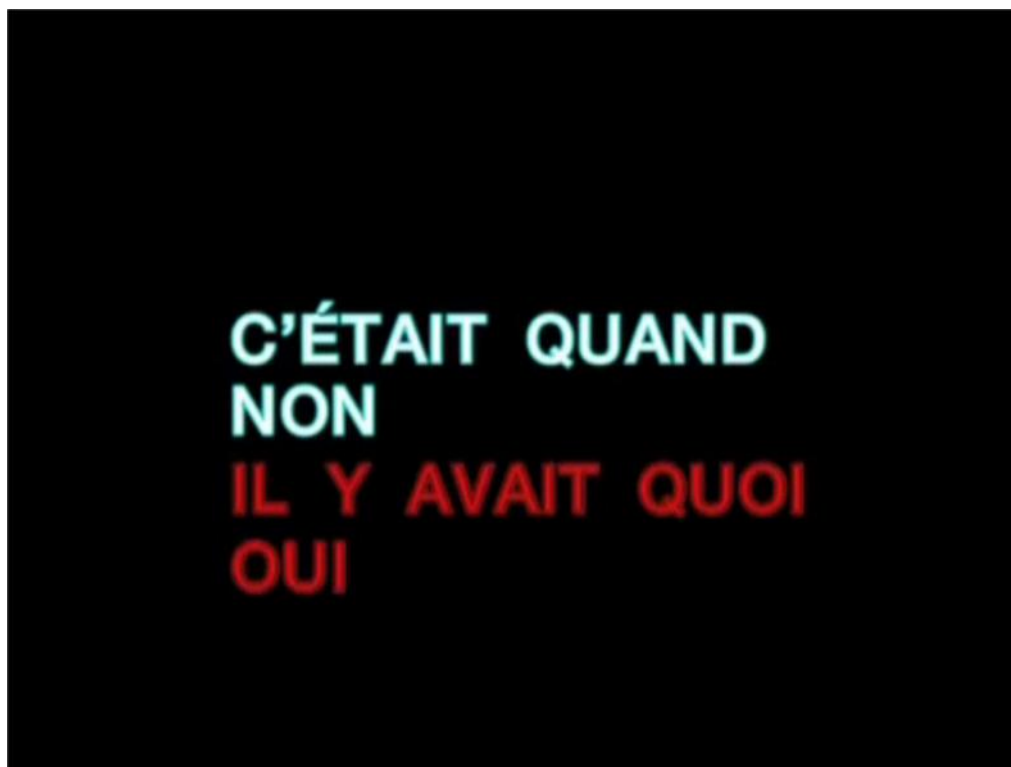


Imagem 4 – letreiro de abertura (*Film-hommage à Maurice Schéerer*, Jean-Luc Godard, 2010)

Podemos decodificar diversos elementos das atividades do grupo no período evocado. A narração em voz *off* menciona o “CCQL” que é a sigla do *Ciné-Club du Quartir Latin* animado por Rohmer entre 1948-1949. Foi por meio deste cineclube, que organizava também um Boletim informativo, que Jacques Rivette e Godard começaram suas colaborações com Rohmer. O Boletim deu origem à ambiciosa e efêmera publicação *Gazette du cinéma* em 1950, também dirigida por Rohmer.

Ainda em relação ao cineclube, Godard evoca o nome de Antony Barrier, um cineasta inventado cuja aparição se dá num dos números do Boletim do *Ciné-Club du Quartir Latin*. No Fundo Éric Rohmer/IMEC<sup>5</sup> encontra-se um argumento de filme não-realizado assinado por Barrier; trata-se de “Fausto: adaptado da peça de Goethe” e datado de outubro de 1951<sup>6</sup>. Segundo os biógrafos de Rohmer, nesta data ele já havia realizado a título de ensaio pequenos filmes mudos sob este pseudônimo (Baecque and Herpe 2014, 59). Entre 1949 e 1951 ele filmou os curtas *Journal d'un scélérat*

---

<sup>5</sup> Por sua própria vontade, os documentos pessoais do cineasta que encontravam-se no seu escritório na sede da produtora *Les Films du Losange* foram transferidos e depositados no *Institut mémoires de l'édition contemporaine* – IMEC em julho de 2010.

<sup>6</sup> Dossiê RHM 79.1- *Textes réunis par Éric Rohmer* do Fundo Éric Rohmer/IMEC.

(1949/1950) estrelado por Gégauff e *Présentation ou Charlotte et son steak* (1951, sonorizado em 1960) estrelado por Godard e que integra a série de filmes *Charlotte et Véronique* idealizada juntamente com este último. A localização do argumento assinado por este cineasta fictício no fundo documental de Rohmer, assim como a sua temática – o cineasta era um grande leitor de Goethe e em 1972 defende uma tese de doutorado sobre “a organização do espaço em *Fausto* de Murnau” –, nos permite inferir que Barrier é um dos diversos pseudônimos adotados por Rohmer ao longo da vida. Além de Éric Rohmer, são conhecidos: Gilbert Cordier (que assina seu único romance publicado em 1942), Dirk Peters (cineasta que aparece creditado no filme para a televisão educativa *Les Histoires extraordinaires d'Edgar Poe* de 1965) e Sébastien Erms (compositor, co-autor de pequenas músicas para os filmes de Rohmer juntamente com Mary Stephen que surge a partir de 1991)<sup>7</sup>.

O nome do escritor e jornalista Jean Parvulesco (1929-2010) é evocado na narração do filme-tributo. Tanto Rohmer como Godard tiveram uma certa relação com este conservador de extrema-direita assumido, provavelmente por ele ter se dedicado a escrever artigos sobre a *Nouvelle Vague*. Assim, ele aparece como personagem (Jean-Pierre Melville) no filme *O Acossado* de Godard e figura no filme *A árvore, o Prefeito e a mediateca* de Rohmer.

Ainda que após a menção a cada uma dessas três referências evocadas acima Godard acrescenta uma negativa, estas informações permitem conhecer pormenores da formação da cinefilia parisiense nos anos 1950 ligada ao grupo de *Cahiers du cinéma*.

Em sua narração *off* Godard refere-se a uma série de lugares frequentados à época, desde locais públicos como o cinema *Le Cluny*, o Boulevard Saint Germain (via emblemática do Quartier Latin), a Sorbonne e o *Jardin du Luxembourg* que fazem parte do imaginário dos filmes do grupo, até a *Place Monge* onde Rohmer, já casado, vivia com a família em Paris e Tulle, a sua cidade natal: voz *off* (Godard) – “E este almoço em Tulle... Os dois amigos na sala de refeições. E a mãe que come na cozinha. Sim. E depois na praça Monge... A mulher que come na cozinha. Os dois amigos na sala de refeições. Sim.” Estas passagens sobre a vida privada mostram o caráter tradicionalista do amigo, assim como a existência de momentos de intimidade compartilhados.

São mencionados também nomes de pessoas que os dois companheiros conheceram juntos como Frédéric Froeschel - fundador do *Ciné-Club du Quartier Latin*

<sup>7</sup> Outras identidades inventadas podem ser associadas ao cineasta como: Anthony Barrier, Chantal Dervey, Annie Balkarash e Lazare Garcin.



- e Guy de Ray - produtor da época da filmagem de *Les Petites filles modèles* (1950), o primeiro longa-metragem de Rohmer que ficou inacabado -, ou ainda o vendedor de discos Raoul Vidal.

Os curtas-metragens *Bérénice* (1954) e *Sonate à Kreutzer* (1956) de Rohmer são lembrados por Godard, em ambos a música de Beethoven tem presença marcante. Tratam-se de filmes amadores em 16mm sonorizados com o gravador de fita magnética emprestado da redação da revista *Cahiers du cinéma*. Eles foram reconstituídos digitalmente em 2013, quando passaram então a ser acessíveis com som e imagem sincronizados num mesmo suporte. Esta menção nos remete ao período e ao fato de Rohmer, Godard e Paul Gégauff<sup>8</sup> praticarem conjuntamente uma “escuta ativa” da música (Maisonneuve 2007, 50) por meio das primeiras gravações em disco que começavam a ganhar o mercado nestes anos (Baecque and Herpe 2014, 48). É assim que entende-se a evocação do toca-discos citado pela voz *off* do narrador. Godard descobre neste momento os últimos quartetos de corda de Beethoven, conhecimento e interesse por esta música que ele aprofundará e que aparecerá no seu cinema como em *Prénom Carmem* (1983). Passados os anos de juventude, o diálogo e as trocas entre os dois cineastas se estabelece primordialmente através das suas respectivas criações artísticas, a escolha da *Sonata a Kreutzer* de Beethoven como trilha sonora deste filme-tributo é neste sentido reveladora.

É sob a égide da música de Beethoven que Godard constrói sua homenagem em confluência com o seu cinema. Ainda que a relação de Rohmer com a música transpareça timidamente em seus filmes, este assunto era para ele uma preocupação constante no seu processo de criação e reflexão sobre cinema. O que provam os seus ensaios de cineasta precoces com o uso da música de Beethoven: a sonata n.9 (a Kreutzer) para violino e piano e as 33 variações sobre o tema de uma valsa de Diabelli para piano presentes no curta *Sonate à Kreutzer* e o *kyrie* da Missa Solemnis e o 2º e o 7º movimentos do 14º Quarteto de cordas presentes em *Bérénice*.

Se existe uma imagem da cinefilia parisiense representada no filme *Sonate à Kreutzer*, ela figura não somente por meio da presença dos críticos na imagem como passa primordialmente pela música de Beethoven. Esta é a visão que Rohmer expressa

---

<sup>8</sup> Gégauff era um pianista amador de alto nível, um melômano de caráter ousado e provocador, que impressionava muito Rohmer. Ele aparece tocando seu instrumento na cena da festa do curta *Sonate à Kreutzer* e sua vida inspirou a criação do protagonista Pierre do longa-metragem *O Signo do Leão* (1962). Ele inspirou ainda personagens de filmes de Godard e Chabrol, sendo que com este último ele colaborou como roteirista inúmeras vezes.

no filme sobretudo quando ele metamorfoseia o personagem protagonista da novela de Tolstói, que é originalmente músico, em crítico de cinema. Ele retomará estas ideias em notas manuscritas para o curso sobre cinema que ministrou na Universidade Paris I (1969-1993), onde esboça sua teorização sobre a influência do compositor no cinema, particularmente no cinema francês de sua geração (*Nouvelle Vague*)<sup>9</sup>.

Este filme-tributo é construído no tempo passado, dado reforçado pela data (20 de julho de 2009) que aparece à direita da imagem de Godard na sequência final, propositalmente modificada ou não, que antecede o desaparecimento de Rohmer. Godard quis com o seu filme nos dar a sua leitura do homem Maurice Schérer, por isso inverte a cronologia dos textos do companheiro na seleção que propõe.

“Aquilo que ninguém nunca concebeu, aquilo que ninguém nunca viu, nunca experimentou, surge imediatamente sob os nossos olhos: nós o vemos, nós o percebemos, graças à amplitude nova que, em Beethoven, reveste a criação.”

Richard Wagner, *Beethoven*

## BIBLIOGRAFIA

- Baecque, Antoine de., and Herpe, Noël. 2014. *Éric Rohmer : biographie*. Paris: Stock.
- Benjamin, Walter. 2014. *Le raconteur : à propos de l'oeuvre de Nicolas Leskov*, Traduzido por Sibylle Muller. Strasbourg: Circé.
- Flaubert, Gustave, 1965. *L'éducation sentimentale*. Paris: Éditions Garnier frères.
- Godard, Jean-Luc. 2006. *Histoire(s) du cinéma*. Paris: Gallimard.
- Maisonneuve, Sophie. 2007. “L'avènement d'une écoute musicale nouvelle au XXe siècle”. *Communications* 81:47-59.
- Tolstoï, Léon. 1906. *Sonate à Kreutzer*. Paris: Flammarion.

## FILMOGRAFIA

- Godard, Jean-Luc. 2010. *Film-hommage à Maurice Schérer*. Les Films du Losange.
- Rohmer, Éric. 1956. *Sonate à Kreutzer*. Jean-Luc Godard.

<sup>9</sup> Dossiê RHM 106.6 – *Cours sur le cinéma (1978-1991)* do fundo Éric Rohmer/IMEC.